

# Um cientista alemão a serviço do império lusitano: Wilhelm Ludwig von Eschewege e suas descrições dos naturalistas luso-brasileiros (séculos XVIII e XIX)<sup>1</sup>

A german scientist in the services of the portuguese empire.  
Wilhelm Ludwig von Eschewege and his descriptions of  
portuguese brazilian naturalists (18th and 19th centuries)

**Daniela Casoni Moscato**  
Doutoranda em História  
UFPR/Bolsista CAPES  
historiar7@gmail.com

**Recebido em:** 07/11/2015

**Aprovado em:** 08/01/2016

**RESUMO:** Este estudo propôs a busca e a análise das impressões de leituras do mineralogista alemão Wilhelm Ludwig von Eschewege, sobre as obras de letrados luso-brasileiros. Em 1803, Eschewege estabeleceu uma relação duradoura com a Corte Portuguesa e, como funcionário, estruturou importantes contatos com reinóis e coloniais de uma ciência utilitarista. Parte dessa sociabilidade científica foi a leitura de escritos lusitanos, os quais foram representados na memória de viagem *Pluto Brasilienses*. Os escritos desses itinerários permitiram à historiografia estudar o “olhar do estrangeiro” ou “olhar do viajante” sobre temas caros à sociedade colonial e imperial, reforçando, muitas vezes, a representação de que a viagem seria somente uma experiência desses viajantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Viagem, Leitura, Naturalistas.

**ABSTRACT:** This study tries to find and analyze the reading impressions of the German Mineralogist Wilhelm Ludwig von Eschewege about the works of Portuguese Brazilian men of letters. In 1803, Eschewege established a long lasting relationship with the Portuguese Crown and, as its employee, structured a network of important contacts among Portuguese subjects of both the Metropolis and the Colonies towards utilitarian science. Part of this scientific sociability was based on his readings of Portuguese writings, which were represented in

---

1 Este texto é uma pequena parte da pesquisa, em andamento, de doutorado intitulada *Leituras e Viagens no Brasil: a presença dos naturalistas luso-brasileiros setecentistas nas obras de naturalistas estrangeiros oitocentistas*. Alguns debates aqui descritos foram apresentados no 5º Encontro Internacional de História Colonial, em 2014, na cidade de Alagoas. Na ocasião, discutimos os problemas da investigação e recebemos excelentes sugestões; este texto é o resultado desse debate.

his voyage memoir *Pluto Brasilienses*. This itineraries allowed Brazilian historians to study the “foreign gaze” or “traveler gaze” upon Brazilian themes, regarding Colonial and Imperial society in Brazil, reinforcing often the representation that the voyage was only the experience of that particular traveler.

**KEY WORDS:** Voyage, Reading, Naturalists.

*Os livros fazem parte de circuitos de comunicação que funcionam segundo modelos homogêneos, por mais complexos que sejam. Escumando esses circuitos, os historiadores podem mostrar que os livros não se limitam a relatar a história: eles a fazem*

Robert Darnton. *O Beijo de Lamourrette, Mídia, Cultura e Revolução*, p. 131

### **O naturalista alemão a serviço do Império Português**

Wilhelm Ludwig von Eschewege (1777-1855), natural do grão-ducado de Hesse, Alemanha, estudou ciências naturais e mineralogia na Universidade de Göttingen, um espaço científico importante nos séculos XVIII e XIX, muito frequentado e visitado por naturalistas de todo globo.<sup>2</sup>

Em 1803, iniciou uma relação de trabalho duradoura com o Império Português; e, a seu serviço, trabalhou em terras portuguesas e brasileiras. Ao longo de seus anos, como funcionário da coroa portuguesa, Eschewege produziu uma vasta documentação científica, como monografias científicas, artigos em periódicos, relatórios oficiais, diários, desenhos de suas investigações e construções, além de memórias, nas especialidades de mineralogista, naturalista e engenheiro. Essa documentação esclarece sua presença nos estudos dedicados às luzes portuguesas. Em tais investigações, destacam-se os relatos sobre sua estada brasileira, em especial, os trabalhos desenvolvido na Capitania de Minas Gerais e seu envolvimento, como diretor, do projeto de obras do Palácio da Pena, em Sintra.<sup>3</sup>

Em linhas gerais, os escritos científicos de viagem fortaleceram-se ao longo do século XVIII, refletindo as modificações da chamada História Natural. Entretanto, mesmo em séculos anteriores, já era comum a circulação de informações sobre os muitos deslocamentos pelos cantos do mundo. Um dos resultados desse trânsito por terras e mares foi a escrita de textos ficcionais, guias, notícias, artigos em periódicos e, o que mais aqui interessa, os relatos de viagem. Além de refletirem “mudanças

---

2 A Universidade de Göttingen mantém remessas científicas de famosas viagens como a do Capitão James Cook, compondo a *Cook-Foster Collection*.

3 A esse respeito, tem-se o artigo “Wilhelm Ludwig von Eschewege (1777-1855), um percurso cultural e artístico entre a Alemanha, o Brasil e Portugal.” In: *Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 2007, p. 385-392.

estéticas e estilos culturais de cada época”, os relatos também se subdividem em : narrativas, memórias, cartas e diários.<sup>4</sup> Dessa forma, é comum compreender esse *corpus* heterogêneo de textos, científicos ou não, como um gênero literário, que se convencionou classificar como literatura de viagem.

Dos escritos de viagem, este estudo limitou-se a analisar elementos pontuais na memória escrita por Eschewege, intitulada *Pluto Brasilienses*; memórias sobre as riquezas do Brasil em ouro, diamantes e outros minerais v. 1 e 2, publicadas em Berlim em 1833.<sup>5</sup> Como bem demonstrou Mary Anne Junqueira, a memória é uma das classificações dos relatos de viagem e, como toda categorização literária, possui particularidades narrativas. Portanto, é essencial compreender que a escrita de uma memória científica tem como objetivo apresentar ao leitor, além das investigações, a experiência vivenciada por seu produtor, que, de certa forma, propõe-se a descrever a “verdade” por ele observada, que ultrapassa, em diversos momentos, as descrições de espécies, bem como suas análises. Mesmo que a memória de viagem não seja uma autobiografia, gênero que atravessou o século XVIII e teve seu apogeu no século XIX, ela possui elementos comuns da escrita de si. Ao se estudar esta e outras produções do gênero, percebe-se que a conceituação de uma escrita de si é pertinente e importante na apreciação dessa tipologia de fonte:

A escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser bem entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. [...] É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando, através dele, um autor e uma narrativa.<sup>6</sup>

As ações textuais elaboradas por Ângela de Castro Gomes - ordenar, rearranjar e significar – estão descritas no prefácio autoral da primeira edição de *Pluto Brasilienses*. Nele, Eschewege explica ao leitor de que maneira organizou seu escrito. Primeiramente, ordenou a região a ser detalhada em duas categorias: histórica e geológica. Em segundo lugar, e somente após esse rearranjo, expôs, ou significou, os resultados de suas investigações:

---

4 JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *Cadernos de Seminários de Pesquisa* / orgs. Mary Anne Junqueira, Stella Maris Scatena Franco. – São Paulo : Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011. p. 45-54.

5 ESCHEWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto Brasilienses*; memórias sobre as riquezas do Brasil em ouro, diamantes e outros minerais v. 1 e 2. Trad. Domicio de Figueiro Murta. São Paulo: Editora Nacional, 1944. Para este artigo, utilizamos a primeira edição brasileira da obra.

6 GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escritas da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 10-16.

[...] posso assegurar que colhi todas as informações sobre o assunto, no que diz respeito ao Brasil, servindo-me tanto da tradição oral como da escrita. [...]

Na composição desta obra, achei útil seguir uma ordem natural e adequada. Em primeiro lugar, juntei, a cada assunto, uma parte histórica, seguida das observações geológicas feitas até hoje, bem como plantas melhoradas ou projetadas por mim. Em segundo lugar, expus o resultado completo de minhas investigações. [...]

Concluindo, devo observar que este livro já estava pronto há vários anos, à espera de um editor.<sup>7</sup>

O fragmento acima e a acurada análise de Gomes sobre a escrita de si elencam questões relevantes, como a do primeiro parágrafo: “posso assegurar que colhi todas as informações sobre o assunto, no que diz respeito ao Brasil, servindo-me tanto da tradição oral como da escrita” (grifo nosso).

Há algum tempo a historiografia aventa diferentes formas de identificar a formação e fortalecimento da chamada História Natural, como sua estreita relação com os Estados Modernos, nos séculos XVIII e XIX, a título de exemplo tem-se as investigações de Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz, Fernando Novaes, Heloisa Gesteira, Iris Kantor, Lorelay Kury, Magnus Roberto de Mello Pereira, Neil Safier, Ronald Raminelli e Willian Joel Simon.<sup>8</sup> Em recente coleção, intitulada *Ciência e Império*, Pereira<sup>9</sup> propõe-se a compreender tais relações de poder através da investigação das vidas e carreiras de alguns personagens de destaque no Império português. O primeiro volume foi dedicado a João da Silva Feijó, naturalista luso-brasileiro que correu, a serviço da Coroa, Portugal, África e América Portuguesa. Nesse volume, Pereira apresenta como o período como estudante de Filosofia Natural, na Universidade de Coimbra, moldou e estabeleceu importantes laços entre Feijó, outros luso-brasileiros e figuras de

---

7 ESCHEWEGE, *Pluto Brasilienses*, p. 23-26

8 CRUZ, A.L.R.B. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica*. Curitiba, 2004. Tese de Doutorado – UFPR. CRUZ, A. L. R. B. e PERREIRA, M. A História de uma ausência: os colonos cientistas da América portuguesa na Historiografia brasileira. In: FRAGOSO, João (org) *Nas Rotas do Império*. Vitória/Lisboa: Edufes/IICT, 2006. NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial. 1777-1808*. São Paulo: Hucitec, 1979. KURY, L. ‘Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)’. *História, Ciências, Saúde — Revista Manguinhos*, vol. 11 (suplemento 1):109-29, 2004. RAMINELLI, R. *Víagens Ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008.

9 PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *João da Silva Feijó: um homem de ciência no antigo Regime Português*. Curitiba: Editora UFPR, 2012. Coleção “Ciência em Império”.

poder como D. Rodrigo de Souza Coutinho (1745-1812), o Conde de Linhares<sup>10</sup>. Esses elementos são o pano de fundo, tanto para a análise de sua formação em História Natural, como de sua posição nessa sociabilidade científica, o que é, também, foco deste estudo. Nessa análise precisa, Pereira se ocupa de uma rica documentação: memórias científicas, cartas, periódicos, documentação escolar etc., para apoiar sua proposta, que foi a de compreender a função e ação dessas personagens na relação Ciência e Império. Entretanto, não foi seu objetivo aventar um elemento comum na literatura de viagem e em correspondências de viajantes: as referências a livros e autores.

Após a leitura de diferentes escritos de viagem, percebe-se que tal componente pode auxiliar na apreensão desse momento do estágio amadorístico das ciências, além de apontar para a construção de algumas redes de sociabilidade por meio das citações de autores, obras, academias de ciências e museus. Ao ocupar-se de movimentos, alianças, circulações e conexões, a noção de rede permite perceber que a aceitação de um ato científico e a valorização de determinados centros de investigação se dão também pela aceitação entre os pares. Essa ideia, apurada por Bruno Latour, interpela princípios da ciência moderna, como a racionalidade e objetividade.<sup>11</sup>

Assim, não interessam, pelo menos neste momento, as investigações científicas ou descrições brasílicas que se encontram na obra de Eschewege, pois este estudo propõe-se a buscar outros naturalistas que são citados em *Pluto Brasilienses*, ou o que ele, no prefácio original, nomeou como “tradição escrita”. Todavia, para tal, há que se considerar outros informes. O primeiro deles é a relação de Eschewege com o Reino de Portugal e Algarves.

Em Portugal, semelhantemente ao que ocorreu nos primeiros centros científicos europeus, as conversas e atualizações iniciaram-se em finais do século XVII e início do século XVIII nas residências

---

10 D. Rodrigo tem uma biografia riquíssima e complexa, por enquanto é importante esclarecer que exerceu, entre 1795 e 1801, o cargo de ministro e secretário de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos. Para informações mais específicas, indicamos a obra SILVA, Ana Rosa Cloelet. *Inventando a nação: intelectuais ilustrados e estadistas luso-brasileiros na crise do Antigo Regime Português (1750-1822)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006.

11 A teoria de ator-rede, TAR, tem contribuído com o debate em torno das ciências. De forma concisa, essa noção trata especialmente de preocupações mais contemporâneas, como a relação entre os atores humanos com os atores não-humanos – programas de computadores, redes sociais, comunidades virtuais. No intuito de perceber profundamente essas práticas científicas antigas e atuais, Bruno Latour e outros fundamentam suas hipóteses na crítica de valores da ciência moderna. Desses questionamentos, preocupações específicas nos interessam: indagar sobre confiança na razão científica, compreender como se deu a criação do ato científico, bem como sua aceitação por toda uma comunidade. LATOUR, B. *Reassembling the Social: an introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005. LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro. Editora 34, 1994. 152p.

aristocráticas, que faziam a vez dos famosos salões franceses. Nesses espaços de erudição, grupos elitizados, versados nas ciências, atualizavam-se por preleções e correspondências sobre variados temas para divulgar as ideias ilustradas.<sup>12</sup> Tais círculos de conhecimentos estruturaram um terreno fecundo para a renovação educacional e científica nos anos subsequentes, o chamado período josefino (1750-1777), que não pode ser entendido sem a presença de Sebastião de Carvalho e Mello (1699-1782), ministro dos Negócios de D. José (1714-1777) e futuro Marquês de Pombal.

No século de D. José, a Coroa portuguesa promoveu, em terras lusitanas e em suas extensões imperiais, um processo de inovação educacional e científica que se apresentou dentre outras formas<sup>13</sup> na constituição de uma elite do conhecimento e na fundação ou reforma de espaços dedicados às ciências, como o Colégio dos Nobres (1761), o Jardim Botânico da Ajuda (1768), a Academia Real da Marinha (1769) a reforma da Universidade de Coimbra (1772), e a Academia Real das Ciências de Lisboa (1779). Cumpre, aqui, observar que essa mudança se deu, também, com o recrutamento de estrangeiros como lentes no Colégio dos Nobres, na Universidade ou para atuarem nas explorações e nas descobertas de riquezas naturais no próprio reino colaborando com a proposta de ciência utilitarista portuguesa. A experiência de deslocamento no mundo europeu e além dele era determinante na formação desses homens de ciência e para a continuidade do trabalho. Assim, a contratação de estrangeiros, fato comum em Portugal e outros locais, permitiu a circulação do conhecimento científico e de homens que se tornavam reconhecidos por seus trabalhos. O caso de Domenico Vandelli (1735-1816) foi exemplar no processo de desenvolvimento das ciências portuguesas.<sup>14</sup> Vindo de Pádua para lecionar no Colégio dos Nobres, função que nunca chegou a assumir, Vandelli foi escolhido por D. José para a implementação do Jardim Botânico da Ajuda, um importante espaço na produção de conhecimento das ciências naturais portuguesas.

A prática de contratação de estrangeiros permaneceu ao longo do século XIX e Eschewege foi empregado pelo reino português. De 1803 a 1809, Eschewege exerceu o cargo de diretor de minas e

---

12 Tem-se, como exemplo desses círculos de conhecimento, a aristocracia dos Ericeira. CRUZ, A.L.R.B. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica*. Curitiba, 2004.

13 DOMINGUES, A.: 'Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos'. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001.

14 Vandelli representou um padrão de profissional da ciência utilitarista constituído ao longo do século XVIII, como bem demonstrou Vincenzo Ferrone. FERRONE, V. O Homem de Ciência. VOVELLE, M. (Dir.) *O Homem do Iluminismo*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

levantou informações geológicas e paleontológicas sobre técnicas de mineração. Em 1810, o Barão de Eschewege atravessou o Atlântico rumo à América Portuguesa, onde morou até 1821. As reflexões, a seguir, ocupam desses 11 anos, vividos nos trópicos e da obra que escreveu sobre essa experiência.

### **Observações e leituras sobre os naturalistas luso-brasileiros**

Na longa permanência brasileira, Eschewege manteve-se funcionário do reino português, dirigindo o Real Gabinete de Mineralogia, onde desenvolveu pesquisas mineralógicas e manteve contatos com personagens importantes das ciências naturais portuguesas como José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), D. Rodrigo de Sousa Coutinho e Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá (1762-1835), mais conhecido como intendente Câmara.

O período de permanência em terras brasileiras também propiciou a Eschewege, conhecido como “pai da mineralogia no Brasil”, fortalecer suas relações científicas. No Brasil, Eschewege estabeleceu ou fortaleceu intercâmbios científicos com viajantes como Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Johann Baptiste von Spix (1781-1826), Langsdorf, Guido Tomás Marlière (1767-1836), Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834), John Luccock e Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), e fez de sua residência na antiga Vila Rica “não só um pouso ao longo da viagem, mas especialmente um centro de atualização teórica e troca de informações multidisciplinares”<sup>15</sup>.

As pesquisas e viagens realizadas durante esses onze anos foram apresentadas e publicadas em importantes publicações do período<sup>16</sup>, algumas quando Eschewege ainda morava na América. Ao retornar à Alemanha, em 1829, compilou, para redigir a obra aqui analisada, informações de diários, anotações e leituras de outros cientistas. A partir desses muitos exercícios de memória, retomada de anotações e leituras de literaturas concomitantes, publicou, após uma longa espera, os dois volumes de *Pluto Brasilienses*<sup>17</sup>.

---

15 “(...) not only an accommodation point during the trips, but, specially a center of teoric actualization and change of multi-disciplines informations.” DOULA, Sheila Maria; SLAIBI, Thaís Helena de Almeida; COSTA, Maria Fernanda de Aguiar. Science and nature for the empire's wealth: the baron Eschewege and the mineralogist's project for Brazil during the XIX century. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, Special Issue, 551-560, May, 2005. p.554.

16 Sobre as obras completas de Eschewege ver RENGER, Friedrich E. O quadro geognóstico do Brasil. De Wilhelm Ludwig von Eschewege: breves comentários à sua visão da geologia no Brasil. *GEONOMOS*, UFMG, 13, 2005. p. 91-95.

17 O título da obra é uma referência aos estudos de James Hutton (1726-1796), naturalista e geólogo escocês que acreditava que todas as rochas teriam sido criadas por meio da atividade vulcânica, daí o nome plutonismo, uma referência ao deus romano Plutão.

Na escrita dessa memória de viagem, apesar da predominância de análises mineralógicas e geológicas, o autor não descartou sua experiência brasileira; entre seus estudos e conclusões, referentes às minas e à geologia, traçou uma espécie de História do Brasil - amparada em decretos e correspondências oficiais - discorreu acerca de costumes brasileiros, detalhou a exploração aurífera na província de Minas Gerais, relatou a escravidão e opinou sobre a política portuguesa, propondo até soluções. Além disso, o mineralogista utilizou-se da escrita de si, um recurso comum aos relatos de viagem, momento no qual o autor especifica desafetos e esclarece maus entendidos, como o curioso caso de uma hospedagem oferecida pela viúva D. Joaquina da Silva Oliveira Castelo Branco:

Desejo tornar pública aqui, a minha gratidão a essa digna senhora e a seus filhos, pela maneira gentil com que, durante semanas, às vezes, me acolheram nas frequentes viagens que fiz àquela região, e pela maior hospitalidade que dispensaram a diversos naturalistas, recomendados por mim. Devo desmentir também um boato que corre a meu respeito, espalhado por alguns viajantes e subscrito por outros. Teria sido contrário à delicadeza dessa digna senhora oferecer a um barão alemão um presente de mil bois e algumas centenas de cavalos e, mais ainda, receber este um tal presente.<sup>18</sup>

Grosso modo, os elementos evidenciados - narrar os modos de viagem, traçar uma história local, discorrer sobre os conhecimentos naturais e conferir atenção ao gentio e aos costumes locais - são identificados em outros escritos de viajantes, publicados nas primeiras décadas do século XIX. Auguste de Saint-Hilaire, anteriormente mencionado, e Maximilian zu Wied-Neuwied (1782-1867), são alguns dos autores conhecidos e muito explorados pela historiografia brasileira.

Nessas memórias e diários são identificadas, com muita frequência, menções a outros autores, como as abaixo retiradas da *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 e 1817*, de Maximilian Wied-Neuwied.

Avistamos a primeira fisália (Physalis), molusco muito singular. Nota Ver sobre esse molusco a nota do Sr. Tilesius, no volume terceiro da Viagem do Cap. Krusenstern em redor do mundo, edição em alemão, p.1 a 108.<sup>19</sup>

O nosso segundo comandante pegou com as mãos, depois de uma rajada de vento, uma andorinha do mar (*Sterna stolida*, Linn.), que, cansada, veio pousar a bordo; vimos também fragatas (*Pelecanus aquilus*, Linn.).<sup>20</sup>

---

18 ESCHWEUGE, *Pluto Brasilienses*. 281, vol. 2.

19 WIED-NEUWIED, Maximiliano. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 e 1817*. Trad. Edgard Süssekind. São Paulo: Editora Nacional, 1940. p. 24.

20 WIED-NEUWIED, *Viagem ao Brasil*. p.24.

O "beija-flor de coleira" (*Trochilus ornatus*) das zonas de leste do Brasil que percorri, parece um tanto diferente do figurado por Audebert e Vieillot; porém duvido sobre se será uma espécie diversa tratando-se talvez de uma variação ligada à idade, muito embora eu sempre tenha observado os mesmos caracteres até nos machos mais velhos. A coleira não é vermelho-bruna, as penas são porém brancas, com as pontas de um belo verde, de modo a formar nos bordos daquela uma orela desta cor.<sup>21</sup>

Maximilian Wied-Neuwied, naturalista e príncipe alemão que viajou pelo Brasil no início do século XIX, citou noventa autores. Somente Carlos Lineu (1703-1778), sueco considerado o criador da nomenclatura binomial e da classificação científica, foi indicado em, aproximadamente, noventa e seis páginas, em algumas com mais de três menções. O príncipe Maximilian não se limitou aos naturalistas ou às expedições científicas, pois, em sua obra há espaços para outros viajantes:

O francês Jean de Lérve o alemão Hans Staden deram-nos, em suas interessantes relações de viagens, uma descrição fidelíssima do estado, dos usos e costumes dos Tupinambás; são tanto mais instrutivas quanto retratam ao mesmo tempo todas as tribos dos índios civilizados que vivem ao longo do litoral, e que os portugueses denominaram "Índios mansos". Southey em sua *History of Brazil*, livro cheio de boas informações, e Beauchamp, em sua *Histoire du Brésil*, obra romanesca, aproveitaram-se dessas fontes. Vasconcellos, em suas *Notícias curiosas do Brasil*(\*\*), divide em duas classes todas as tribos indígenas do Brasil oriental, os civilizados ou domesticados, "índios mansos", e as hordas selvagens, tapuias.<sup>22</sup>

Para o leitor desatento, este comentário pode passar despercebido. No entanto, tal detalhe é de suma importância, pois revela uma prática social fundamental na formação do naturalista: a leitura. Sabe-se que a leitura, dificilmente, deixa marcas, mas, felizmente, nessas fontes, elas se encontram e permitem que se investigue o viajante naturalista como um leitor.

Roger Chartier recorda que a leitura é um procedimento de interpretação, pois o leitor, em sua autonomia, produz "usos e significações diferenciados"<sup>23</sup>. Tais elementos permitem, igualmente, analisar o leitor como membro do que Chartier nomeou de *comunidades de leitores e tradições de leituras*. Essas duas definições demonstram a necessidade de se reconhecer a diferença entre os "letrados talentosos" e os leitores comuns, pois há discrepâncias "entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro,

---

21 WIED-NEUWIED, *Viagem ao Brasil*. p. 45.

22 WIED-NEUWIED, *Viagem ao Brasil*. p. 36

23 CHARTIER, R. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas, na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação”<sup>24</sup>. Nessas diferenças – maneiras de ler e usos do livro –, pode-se identificar os fatores que auxiliaram na composição de determinados grupos, comunidades e, no caso deste texto, de sociabilidades científicas no século XIX:

[...] as redes de práticas e as regras de leituras próprias às diversas comunidades de leitores (espirituais, intelectuais, profissionais, etc.) [que compõem] uma primeira tarefa para se chegar a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador.<sup>25</sup>

De maneira a articular tal reflexão e no limite deste artigo, seguiremos por dois vieses: no primeiro, identificar-se-á o escrito como veículo de uma apresentação das ciências portuguesas dos séculos XVIII e XIX, no segundo, serão acurados os usos de leituras, citações e apropriações. Tais elementos e as suas situações e as suas práticas permitiram identificar de que forma os naturalistas luso-brasileiros são representados nesse documento. Nesse sentido, Roger Chartier e Pierre Bourdieu lembram-nos como o discurso construído sobre o representado não se limita apenas a imagem que dele se constrói; a representação do outro igualmente produz lutas na construção do mundo social.<sup>26</sup>

Constataram-se, nos dois volumes do *Plutos Brasilienses*, aproximadamente, vinte e seis autores, dos quais: dezessete são europeus – seis alemães, quatro ingleses, dois italianos, um francês, um austríaco e quatro não identificados –; seis luso-brasileiros; e três obras, cuja autoria não se verificou até o momento. Convém reforçar que esta análise restringe-se às representações dos luso-brasileiros.

O projeto de ilustração portuguesa visava preservar e prosperar, por meio da ciência o Reino e seus domínios ultramarinos. Esse planejamento contou, durante as políticas de Marquês de Pombal, Martinho de Melo e Castro (1716-1795) e D. Rodrigo de Sousa Coutinho, com coloniais formados pela Universidade de Coimbra. Esses súditos da coroa lusitana participaram da criação

---

24 CHARTIER, *A ordem dos livros*, p. 13.

25 CHARTIER, *A ordem dos livros*, p. 14.

26 Sobre o conceito de representação, concordamos com os muitos debates de Roger Chartier, citamos o que o autor realizou no texto *Defesa e ilustração na noção de representação*: “o conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social [...]” CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de representação*. *Fronteiras*. Dourados. MS. Vol. 13, n. 24, p.15-29. Jul/dez. 2011. \_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. 11(5),1991.

de instituições científicas portuguesas – como os Jardins Botânicos de Lisboa e Coimbra – e, fora de Portugal, de viagens exploratórias e científicas – também conhecidas como viagens filosóficas – pelo Brasil, Angola, Moçambique, Goa, Cabo Verde, Cabo da Boa Esperança, sempre a serviço da monarquia. Na colônia americana, pelo menos oficialmente, foram os primeiros a inventariar a natureza, as potencialidades econômicas, as comunidades indígenas e outros temas. Essa situação se modificou após 1808, com a vinda da família real para a América e, logo em seguida, com a abertura dos portos para as nações amigas. Datado de 28 de janeiro de 1808, o decreto aumentou o fluxo de viagens filosóficas realizadas por naturalistas estrangeiros.

José Bonifácio de Andrada e Silva e Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá são alguns desses naturalistas, e ambos foram representados por Eschewege, em *Pluto Brasilienses*, ora no formato de citações de obras ou classificações científicas, presentes nos paratextos - como notas de rodapé -, ora no corpo textual central, por meio de fragmentos, como o apresentado abaixo:

Da grande variedade de cor e de cristalização que possuem os diamantes brasileiros não posso dar aos leitores uma boa ideia, senão reproduzindo aqui a descrição, por mim publicada no segundo volume do "Jornal do Brasil", dos diamantes do Real Gabinete de Mineralogia do Rio de Janeiro, registrados por Câmara, descritos e classificados por mim.<sup>27</sup>

Ao se conferir, rapidamente, a passagem, percebe-se possibilidades de abordagens teóricas e de enfoques temáticos diferenciados. A primeira delas seria baseada na descrição mineralógica dos diamantes: “Da grande variedade de cor e de cristalização que possuem os diamantes brasileiros não posso dar aos leitores uma boa ideia, senão reproduzindo aqui a descrição”. De maneira rasa, essa curta citação permite, entre outras, a aplicação da abordagem clássica de análise dessa tipologia de fonte, segundo a qual, os elementos escritos são compreendidos como uma representação do viajante em comparação com o modelo de seu local de origem. Entretanto, o pequeno trecho evidencia outros elementos que são caros para a análise aqui proposta, como o esclarecimento de estudos já publicados pelo mineralogista- especificamente no *Jornal do Brasil*, em 1811-1817 – e a menção ao naturalista luso-brasileiro Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá. Tornar complexa essas duas informações – o texto *Jornal do Brasil* e ao naturalista Câmara - foi essencial na busca e apreensão da presença de naturalistas luso-brasileiros na obra *Pluto Brasilienses*.

---

27 ESCHEWEGE, *Pluto Brasilienses...* 226, vol. 2.

## O leitor Eschewege e as representações dos luso-brasileiros em *Pluto Brasilienses*

Não há dúvida de que cada relato de viagem é único. Assim, há necessidade de se considerar o viajante e suas experiências possíveis de averiguação, como a formação científica e estabelecimento de redes de sociabilidade. A melhor forma para se compreender um material escrito sobre viagem é considerar a “descrição como uma interpretação que visa valorizar o lugar de enunciação do autor do relato”<sup>28</sup>. Entretanto, é importante acrescentar que as escritas de viagem, especificamente de um mesmo período histórico, utilizam recursos comuns para a narração do itinerário. Em análise precisa, Flora Süssekind define-os como *topoi* da literatura de viagem: “as tempestades, as cenas de chegada a lugares desconhecidos, as descrições de paisagens e tipos exóticos, os difíceis percursos por terra ou por mar [...]”<sup>29</sup>.

O texto de Eschewege não foge dessas convenções e o mineralogista, ao descrever essa experiência única, usa de sua subjetividade e caracteres comuns de um gênero literário complexo, muito escrito e lido.

Um dos lugares comuns desse gênero é a valorização da experiência física e da observação do viajante como forma de aquisição de conhecimento. Eschewege, ao pormenorizar sua investigação durante a estada no Brasil, reconta a viagem como uma aventura rumo a rincões desconhecidos e perigosos. A aventura, o desconhecido e o viajante - como desbravador desses lugares - eram representações comuns nas obras desses indivíduos: o viajante é aquele que “vê” e tem seu aprendizado realizado por meio da experiência:

Como as rochas do Brasil são ainda pouco conhecidas e quase nada esclareça a exploração de minas, não se pode afirmar coisa alguma com segurança. Limitar-me-ei, pois, ao que pude conhecer através de observações e pesquisas que eu próprio fiz, no decorrer de onze anos de permanência nas regiões auríferas. Somente essa longa permanência e as contínuas e repetidas viagens puderam esclarecer-me sobre a questão. De fato, até então ninguém oferecera indicações a

---

28 FRANCO, Stella Maris Scatema. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. *Cadernos de Seminários de Pesquisa* / orgs. Mary Anne Junqueira, Stella Maris Scatena Franco. – São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011. v. 2. p.68.

29 SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador e a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.p. 58.

respeito. A pobre técnica mineira e a completa ignorância dos mineiros no que se refere aos conhecimentos geológicos, muito menos o poderiam dar.<sup>30</sup>

A experiência aventuresca da viagem, e nesse caso uma aventura científica, não excluía a busca de informações em outras descrições, como aponta parte da citação que destaca o intendente Câmara. Ao se observar, criteriosamente, esses relatos, identificou-se que argumentos e recursos outros tornavam tais descrições “confiáveis”, como citar e discutir diferentes autores. Dessa forma, os naturalistas, os quais produziram esse gênero literário, podem ser percebidos além do olhar e da experiência presencial: eram tanto viajantes quanto leitores de relatos de viagem e de literatura científica conexa.

Já se apontou que, em *Pluto Brasilienses*, foram identificados fragmentos de leituras de outros naturalistas viajantes - presentes ora no corpo textual, ora nas notas de rodapé. Estes apresentam elogios aos amigos, críticas acerca de análises anteriores e são, corriqueiramente, usados como apoio à narrativa escrita sobre o que o viajante viu. Enfim, os relatos de viagem do século XIX, embora sejam baseados na necessidade de comprovar a experiência presencial, não descartaram o diálogo com os olhares de outros. Tal comunicação é mais usual entre contemporâneos, como o caso da referência a Carl Friedrich Philipp von Martius e a Johann Baptiste von Spix no texto de Eschewege: “Segundo meu modo de pensar, trata-se de turmalinito friável, contendo manganês. O sr. Zinchen julga-a óxido de ferro manganésífero, enquanto von Spix e von Martius a consideram minério de manganês acinzentado, semelhante ao turmalinito”<sup>31</sup>.

Entre os citados, encontrou-se viajantes naturalistas que estiveram no Brasil entre 1808 e 1822 – botânicos, mineralogistas, geógrafos, etnólogos, etc. -, pesquisando o clima, os minerais, a fauna, a flora e outras características brasileiras. Muitos, igualmente, publicaram seus estudos nesse mesmo período. A quantificação dessas referências, permitirá a continuação dessa pesquisa e pretende averiguar quem estava sendo lido e citado, como levantar hipóteses de valorização de determinados centros científicos em detrimento de outros.

Todavia, neste artigo, a atenção se põe sobre os luso-brasileiros encontrados nesse levantamento, os quais, a serviço do Império Português, também estreitavam laços com a cultura científica internacional, como ocorreu com Câmara e José Bonifácio que, privilegiados por bolsas de

---

30 ESCHEWEGE, *Plutos Brasilienses*. p. 276.

31 ESCHEWEGE, *Pluto Brasilienses*. p. 12.

estudos do governo português, viajaram por países europeus entre 1790 e 1800. Nesta longa “viagem filosófica”, Bonifácio permaneceu um período longo na Alemanha, onde teve aulas de filosofia com Emmanuel Kant (1724-1804) e se tornou amigo e correspondente de Alexander von Humboldt (1769-1859):

A importância dessa viagem para a formação de José Bonifácio e para sua inserção nos círculos ilustrados do período é perceptível ainda por sua aceitação como sócio em várias academias científicas, como por exemplo as de Estocolmo, Copenhague, Turim e Berlim, e a da Sociedade de História Natural e Filomática, de Paris, e a de Física e História Natural, de Gênova.<sup>32</sup>

Não se constatou, até o momento da pesquisa, se Eschewege e José Bonifácio tiveram seu primeiro contato no período em que o luso-brasileiro esteve em terras alemãs. Pode-se afirmar, entretanto, que ambos eram amigos e correspondentes de Humboldt e que Bonifácio foi seu chefe em Portugal, entre 1803 e 1810. Tal relação científica continuou durante sua permanência no Brasil e após seu retorno à Alemanha, como demonstrou Friedrich E. Renger em seus estudos sobre o mineralogista.

A trajetória científica de Eschewege e sua relação com o Império Português podem explicar as citações de nomes e obras em *Pluto Brasilienses*. O alemão Humboldt, que percorreu a América espanhola entre 1799 e 1804, é mencionado quatro vezes, enquanto que Carl Friedrich Phillipp von Martius e Johann Baptiste von Spix, seus hóspedes em Minas Gerais, dezessete.

Em relação aos luso-brasileiros, seis são identificados: João da Silva Feijó (1760-1824), Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), José Bonifácio de Andrada e Silva, Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá e José Vieira Couto (1752-1827). Cumpre observar, aqui, que todos frequentaram a Universidade Coimbra e somente Rocha Pita foi aluno antes da mudança dos estatutos, ocorrida em 1772, no reinado de D. José I (1714-1777) e conduzida por Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal (1699-1782).

Até o momento, pode-se afirmar a predileção do autor por naturalistas europeus, oriundos de locais em destaque no mundo científico setecentista e oitocentista, como França e Alemanha. Tal fato não poderia ser diferente, pois foram também nesses territórios que a comunidade científica se proliferou em espaços como salões, cafés e associações autônomas, principalmente, na França, onde foi criada a primeira *Académie*. O naturalista alemão seguia regras específicas do universo científico do final

---

32 CAVALCANTE, Berenice. *José Bonifácio: razão e sensibilidade, uma história em três tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 47.

do XVIII e início do XIX. Nesse espaço em construção, existia uma estrutura de pesquisa “que obedecia ao princípio hierárquico da importância e da influência de centros individuais, uma espécie de pirâmide que sancionava na verdade o primado e o prestígio das grandes academias estatais de França, Inglaterra, Prússia, Rússia e Suécia”<sup>33</sup>.

O tema das ciências portuguesas e seus representantes é introduzido pelo naturalista alemão no intertítulo *Resumo da Legislação de Minas*, no primeiro volume:

Não se descobrira, pois, um meio de aumentar a produção e este foi o motivo por que, no espaço de 30 anos, não expediu o governo nenhuma lei sobre a matéria. Só mais tarde, quando Andrada e Câmara regressaram de suas viagens de estudos mineralógicos na Europa, é que apareceu o Alvará de 13 de maio de 1803.

Ambos verificaram perfeitamente que a decadência da mineração do ouro e dos diamantes devia ser atribuída à ambição dos mineiros e à legislação inadequada. Foram encarregados da elaboração de uma lei, que regulasse a exploração desses minerais. Assim, apareceu o citado Alvará, que proibiu formalmente a circulação do ouro em pó em lugar da moeda, e ordenou o estabelecimento de uma Casa de Moeda em Minas, assim como a criação de uma Junta Geral e de várias juntas territoriais, nas províncias. Reduziu o quinto à metade e levantou a proibição de lavrar nas terras diamantinas, sendo os diamantes pagos nas Juntas de Fazenda, ou pelos comissários das Casas de Permuta. Esse longo Alvará era teoricamente benéfico. Seus autores, porém, desconhecendo as vicissitudes da mineração no Brasil, para a qual haviam redigido a lei, não conseguiram que a mesma fosse posta em vigor. Só leis posteriores, que perfilharam este ou aquele princípio, obtiveram aplicação.<sup>34</sup>

O debate sobre o Alvará de 13 de maio de 1803<sup>35</sup> estreia um discurso que, ao longo da obra, se repete e tem como eixo central apresentar os naturalistas luso-brasileiros como amadores, assim como a ciência e a administração portuguesa, em comparação a outros centros europeus. O projeto, que é atribuído a Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá e teve apoio de nomes como Alexandre Rodrigues Ferreira e José Bonifácio de Andrada e Silva, determinou, em linhas gerais, uma nova política para a administração das minas do Brasil, como a redução do

---

33 FERRONE, V. O Homem de Ciência. VOVELLE, Michel. “O homem do Iluminismo”. Lisboa: editorial presença, 1997. p. 164.

34 ESCHEWEGE, *Pluto Brasileenses*. p. 211.

35 ARQUIVO NACIONAL. *Projeto de um alvará que estabelece a junta administrativa de mineração e moedagem em Minas Gerais*. Fundo Diversos Códices, código 807, v. 4, f. 54-69, s.d. Sobre o tema e o documento FIGUERÓA, Silvia F. de M. Ciência/mineralogia, mineração. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v.163, n. 416, p.287-293, jul./set. 2002.

quinto, a criação de novos órgãos e a proibição de circulação do ouro em pó. No extrato acima, o funcionário alemão lembra o leitor que os autores do documento desconheciam “as vicissitudes locais”, embora ambos fossem coloniais e, no caso de Câmara, nascido na Capitania de Minas Gerais, em família com fortuna e posses ligadas às minas de ouro.<sup>36</sup>

Dos seis luso-brasileiros, Câmara foi o mais mencionado, totalizando quinze citações. Seus conterrâneos, por outro lado, tiveram as seguintes indicações: Vieira Couto, cinco, e o restante, Alexandre Rodrigues Ferreira, José Bonifácio de Andrada e Silva e Rocha Pita, uma citação cada. A tabela abaixo ilustra e detalha essas informações:

<b>ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. Pluto Brasilienses; memórias sobre as riquezas do Brasil em ouro, diamantes e outros minerais v. 1 e 2</b>					
<b>Ano da viagem: 1810 a 1821</b>					
<b>Ano da publicação da obra: 1833</b>					
<b>Autor</b>	<b>País de nascimento/ Especialidade ou formação acadêmica</b>	<b>Informação relevante</b>	<b>Período no Brasil</b>	<b>Local da referência no texto</b>	<b>Obra citada/Total de citações</b>
Rocha Pita (1660-1738) (historiador Rocha Pita)	Luso-brasileiro/ Direito			Texto:122	Sem referência Total:1
José Bonifácio Andrada (1763-1838) (Andrada)	Luso-brasileiro/ Direito, Filosofia, <b>Mineralogia</b> , Metalurgia	Funcionários do Império português no mesmo período e correspondentes		Texto: 211	Sem referência Total:1
Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá (1763-1835)	Luso-brasileiro Direito, <b>Mineralogia</b>	Funcionários do Império português no mesmo período		Texto: 211, 222, 226, 346, 347,348 425 424, 441, 442, 443.	Sem referência Total: 15

36 VARELA, Alex Gonçalves. A trajetória do ilustrado Manuel Ferreira da Câmara em sua “fase europeia” (1783-1800). *Revista Tempo*. UFF, 23. (2007). p. 153.

(Câmara)				Nota: 346,352, 353, 354	
Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815)	Luso-Brasileiro Direito, Filosofia e Matemática			Texto: 311	Jornal <i>O Patriota</i> Total:01
João da Silva Feijó (1760-1824)	Luso- Brasileiro Filosofia e Matemática			Texto: 313 e 314	Sem referência Total:02
José Vieira Couto (1752-1827). (Dr. Couto)	Luso- Brasileiro/ Filosofia e Matemática			Texto: 162, 264/266, 274,312	Sem referência Total: 05
Nomes mais referenciados: John Mawe, Spix e Martius					
Total de autores citados: 26					

O Intendente Câmara teve trajetória científica semelhante à de José Bonifácio, ambos pessoalizaram o homem de ciência setecentista: eram funcionários do Estado, com todas as benesses de tal posição social. Estudantes na Universidade de Coimbra, os dois naturalistas participaram da chamada geração de 1790, a qual era composta por ilustrados lusitanos, coloniais e reinóis, a serviço do projeto pragmático e utilitarista da ciência portuguesa.<sup>37</sup> Alunos de Vandelli, praticaram o novo conceito de ciência ensinado pelo professor paduano em suas aulas de Filosofia Natural. A nova ciência deveria ser prática e usada para o progresso dos reinos. Alex Ventura lembra que o utilitarismo não era uma característica da ciência portuguesa, mas um elemento central da História Natural no Setecentos. O autor recorda como o “conhecimento da natureza estava diretamente relacionado à política fomentista do governo mariano e joanino”. Vandelli e seus discípulos seguiam, de tal modo, “as ciências naturais modernas de perfil baconiano” que “em sua essência, pressupunham a utilidade e bem-estar dos homens.” A história

37 Para uma compreensão mais profunda do tema e das figuras da geração de 1790, indicamos o texto clássico Autor: MAXWELL, Kenneth. *Chocolate, Piratas e Outros Malandros. Ensaios Tropicais*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1ª edição, 1999, p. 157-207.

natural, para Bacon, “era uma forma de investigação destinada a registrar o conhecimento do mundo para o uso e aperfeiçoamento da humanidade”<sup>38</sup>.

No Brasil, Câmara foi Intendente Geral das Minas na Capitania de Minas Gerais e Serro do Frio, função importante no projeto administração central do Império Português, arquitetado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

O destaque de Câmara, na administração portuguesa, não passou despercebido e o mineralogista alemão dedicou, aproximadamente, noventa e seis páginas do segundo volume aos possíveis lapsos dos empreendimentos de Câmara, como a fundação da Usina de Ferro de Serro Frio, em Minas Gerais, recontada na seção *Real Fábrica de Ferro do Morro de Pilar, na província de Minas Gerais*:

Como ficou dito páginas atrás, o muito conhecido mineralogista Manoel Ferreira da Câmara resolveu construir, às expensas do Rei, uma grande fábrica de ferro em Minas Gerais, para o que não lhe faltaram nem poder, nem dinheiro, pois obteve ambas as cousas do Governo, que lhe permitiu usar do primeiro e retirar o segundo na Caixa da Administração Diamantina. (...) Somente após a construção de um alto forno, um forno de refino e de um malho, é que Câmara se convenceu intimamente de que a água só bastava para estas três instalações, e isso mesmo no tempo das águas, conforme eu já lhe chamara a atenção, por ocasião de minha visita em 1811. Como, porém, para grande prejuízo da Administração, ele perseverasse teimosamente no seu projeto, teve a ideia de trazer a água para os outros fornos projetados de um córrego afastado, por meio de um difícil canal de uma milha de extensão, projeto esse que, aliás, não foi realizado.<sup>39</sup>

Câmara aparece como privilegiado pela Coroa, com todo o tempo e financiamento necessários para a realização de seus projetos injustificáveis. Não cabe, aqui, julgar se a crítica do alemão se faz correta. O relevante, nesse episódio, é a maneira como Eschewege apresentou Câmara - já analisado, aqui, como figura do homem naturalista oitocentista que seguia o modelo da Europa além-Pirineus - e suas investidas científicas. Toda a formação e especialização do luso-brasileiro, como suas monografias publicadas sobre o tema, não são suficientes para o leitor e, nesse caso, observador.

Outras figuras das ciências lusitanas têm suas análises igualmente negativas e suas ações e pesquisas consideradas questionáveis:

---

38 VARELA, *A trajetória do ilustrado*. p. 154-156.

39 VARELA, *A trajetória do ilustrado*, p. 346-348.

Nessa oportunidade, o dr. Couto também examinou o vieiro de galena, acompanhado de um certo José Soares Roma, antigo fornecedor de mantimentos aos garimpeiros e conhecedor de todas as sendas dos contrabandistas de pedras no sertão.

Por intermédio do dr. Couto — que, depois de cinco dias de viagem, descobriu incompletas. Essas informações podiam ser lidas num manuscrito elegantemente encadernado, que ele apresentou ao Príncipe Regente, em 1808. A persistente ideia de que o grande Brasil devia ser tão grande e rico em tudo, como o era em ouro, não se abalou no espírito do Ministro D. Rodrigo, então Conde de Linhares, com a descrição do dr. Couto, que reduziu uma montanha de chumbo à simples proporção de um vieiro.<sup>40</sup>

O dr. Couto, acima citado, é o brasileiro José Vieira Couto, oriundo de Arraial do Tejuco. Cria da Universidade de Coimbra, viajou, em 1799, pelo norte da capitania de Minas Gerais, para investigar os recursos minerais da região e, sobre esta expedição, escreveu a obra *Memórias sobre a Capitania de Minas Gerais*, de 1801. Em *Memória*, de Eschewege, as identificações de Couto são questionadas e menosprezadas: o letrado demora para descobrir o veio de metal, o vieiro, deixa informações incompletas e, finalmente, reduz “uma montanha de chumbo à simples proporção de um vieiro”<sup>41</sup>.

Os trechos mencionados e algumas correlações levantam as seguintes questões: os fragmentos, presentes na obra de Eschewege e exemplificados neste texto, comprovam uma exclusão dos cientistas luso-brasileiros? De que forma essas memórias científicas foram fulcrais e apropriadas por uma rede acadêmica que se estabelecia no início do século XIX? Esses são apenas alguns dos reptos ainda a serem vencidos.

### **À maneira de conclusão**

A amostra de autores e livros remete não apenas a leituras particulares, mas a um perfil de textos lidos, em uma determinada época, por uma particular comunidade de leitores, a saber: os viajantes oitocentistas que percorreram o Brasil, representados, aqui, por Wilhelm Ludwig von Eschewege. Tal grupo, além de ler, provavelmente, atuou, singularmente, nas interpretações e apropriações dos discursos e das práticas de seu tempo histórico. É importante destacar que tais naturalistas— em suas especificidades territoriais e áreas de conhecimento — participaram, recusaram ou adotaram processos de uma “operação científica”. Os livros e periódicos podem até não terem sido lidos, mas o fato de estarem lá, ou não estarem, os tornam autoridade científica e não um escrito

---

40 ESCHEWEGE, *Pluto Brasilienses*, p. 274.

41 ESCHEWEGE, *Pluto Brasilienses*. p. 264.

qualquer. Os dados levantados, por meio das citações das obras mencionadas, comprovam a circulação dos resultados das pesquisas científicas:

A ideia da circulação do conhecimento é um dos pressupostos da ciência moderna. Desde os séculos XVII e XVIII, em linhas gerais, deseja-se um conhecimento que seja aberto. Isto é, forja-se um modelo de conhecimento que se pretende comunicar com o mundo, que circula pelo mundo. Não se trata mais de uma produção fechada, enclausurada nas bibliotecas dos mosteiros ou nos laboratórios dos alquimistas.<sup>42</sup>

A propagação das ideias científicas recriadas no XIX em parte, pelas inovações científicas, conectou-se com a escrita e a leitura. As impressões de monografias, manuais, relatórios, diários e relatos de viagem comprovam que os resultados científicos circulavam entre Academias de Ciências, Museus, Jardins Botânicos do mundo ocidental e, igualmente, pelo próprio livro. A leitura, nessa relação, foi um fator facilitador no trânsito do conhecimento.

No caso de Eschewege, as referências às obras dos luso-brasileiros ainda são incipientes, pois o autor se preocupou muito mais em descrever as ações profissionais desses brasileiros, como a usina errada de Manuel Ferreira da Câmara, do que aventar uma leitura de suas pesquisas. Eschewege deixou o debate científico e elogios para seus contemporâneos como o caso de Carl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptiste von Spix, ambos citados em dezessete páginas do texto central e em três notas de rodapé. Além disso, também evidencia, amiúde, determinados espaços científicos quando menciona seus representantes, como o mineralogista inglês John Mawe (1764-1829) referenciado em dez páginas e seis notas de rodapé. As menções a esses autores são geralmente acompanhadas por dissertações científicas, como o da composição de determinadas rochas, também poderia incluir a citação de outros membros dessa comunidade; uma prática que fortalecia a representação científica de Eschewege:

Spix e v. Martius dizem a respeito, na primeira parte, p. 411, de sua obra. Consideram a tapanhoacanga como estratificação de hematita subordinada à formação de arenitos, opinião essa a que foram induzidos pelo senhor von Wagner, que examinou os minerais trazidos por eles do Brasil, emitindo juízos geológicos resultantes do exame feito (1ª parte das *Viagens...*).<sup>43</sup>

---

42 FIGUEIREDO, B.G.; SOUZA, G. de. Os dilemas da História social das ciências no Brasil: as artes de curar no início do século XIX. In: KURY, L.; GESTEIRA, H. (orgs.) *Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 47.

43 ESCHEWEGE, *Pluto Brasilienses*, p. 302.

Finalmente, cumpre observar como o fortalecimento das ciências, a edificação de espaços e comunidades científicas e o papel dos Impérios nesses processos moldaram ou determinaram como o leitor Eschewege articulou e selecionou as obras dos naturalistas luso-brasileiros para a composição de seu próprio relato. Entretanto, essa tarefa demanda mais tempo e leitura das obras citadas, mas conseguiu-se, até o momento, pensar na formação de uma rede de trocas de conhecimentos, assim como, na construção de uma comunidade de leitores.

O estudo apresentado limitou-se à localização de pistas que apontassem para as representações dos luso-brasileiros na obra analisada. Estas demonstraram que a formação de uma rede de conhecimentos e de uma comunidade de leitores das narrativas científicas foi algo mais complexo e atrelado, entre outras questões, com os projetos políticos voltados à exploração naturalista. Andrada, Câmara, Couto constituem o modelo da ciência pragmática e utilitarista portuguesa; Eschewege também, quando contratado para ser funcionário da Coroa Portuguesa, mas este não tinha elementos fundamentais que o tornasse membro dessa elite letrada: não era um súdito, era um funcionário. Talvez, esse elemento, dentre outros, explique um pouco das intrigas plantadas em seu texto, mas isso estaria nas esferas das suposições.

Por hora, essa investigação permite afirmar que, na obra em questão, o perfil de textos citados e lidos segue a valorização de centros científicos europeus além-Pirineus. Incipientemente, pode-se aventar que esses escritos compõem as partes dessa rede científica, a qual se construía ao longo dos séculos XVIII e XIX. Nesse processo, os atos de ler e de citar demonstram que as literaturas de viagens não foram somente constituídas pelas descrições dos lugares visitados, amparadas apenas pelo olhar do aventureiro. Na escrita da viagem, percebe-se informações que apontam para a valorização da cultura científica de determinados centros científicos europeus, em detrimento de outros. Além disso, esse gênero literário destoa da clássica representação de que a viagem seria, somente, o viajante.